

NOVAS – OU ANTIGAS – UTOPIAS SEXUAIS: discutindo o sexo dos anjos

Peterson José de Oliveira¹

El sexo de los ángeles. Direção de Xavier Villaverde. Com astrid Berges-Frisbey, Álvaro Cervantes, Llorenlo Gonzáles. Espanha/Brasil, romance, Duração: 1h45min, cor., som., 2011.

Nessa produção hispano-brasileira, a antiga temática do triângulo amoroso reaparece com ares modernos, visual descolado, na cidade mais descolada da Europa, Barcelona. Ali, num momento contemporâneo ao nosso, jovens irão reinventar a forma de se relacionar, “sambando na cara do recalque” dos que dizem que isso não funciona. Mas por que, ao assistir filme tão “bonitinho”, com artistas tão atraentes, não consigo embarcar nessa fantasia cor-de-rosa (sem trocadilhos) de uma relação amorosa que consegue romper todas as barreiras? Talvez porque eu esteja mais para Carlos Drummond de Andrade, que fala de “ilhas sem problemas/não obstante convocando ao suicídio” no poema *Mundo Grande* para se referir ao gosto residual insatisfatório dessas utopias.

Não irei me debruçar aqui em uma análise de aspectos propriamente cinematográficos como iluminação, direção, fotografia, etc. Minha pretensão é tratar do roteiro-enredo e da fundamentação psíquica dos personagens. Vamos ao enredo do filme.

Rai é um jovem e bonito professor de karatê, mas também gosta de dança de rua, de *hip-hop*; na cena inicial do filme, seu grupo apresenta-se perto de uma praia de Barcelona. É ali que o estudante de direito, Bruno, irá conhecê-lo; pois ao assistir à dança, é agredido e assaltado. Rai, no entanto, consegue recuperar sua carteira. Começa então uma amizade, que rapidamente revelar-se-á algo mais: já nos olhares intensos de Rai para Bruno, podendo-se reconhecer um tipo de interesse particular, mais sexual do que afetivo. Acontece que Rai tem uma namorada, Carla; os dois estão juntos desde os dezesseis – Bruno tem 24. A vida sexual de Carla e

¹ Doutorando em Estudos Lingüísticos pelo Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia.

Bruno é plena de satisfação, mas mesmo assim, há algo mais em si que Bruno descobrirá.

Rai leva Bruno para onde mora, pois depois da agressão Bruno não se sente bem. A casa de Rai é uma residência coletiva, na verdade, uma residência que foi invadida por uma “tribo” jovem bastante alternativa. Músicos, acrobatas e outros artistas de rua ligados entre si por um estilo de vida meio *hippie*. Para Bruno tudo é emoção, até mesmo a chegada da polícia e a fuga desembestada da casa invadida. Rai não tem para onde ir e Bruno decide levá-lo para a casa de dois amigos gays, Dani e Adrian, que estão em Ibiza fazendo uma reportagem. Desde o assalto, Bruno não fala com Carla que o esperava para almoçar junto com os pais.

O começo da narrativa é marcado por esses espaços de uma marginalidade relativa: a rua e uma casa invadida. Seria isso o ingrediente necessário para Bruno dar-se conta de que há algo mais na vida do que o conforto da relação com Carla? Os dois vivem num apartamento dos pais de Carla, isso já revela uma ligação ainda torta com a casa dos pais e todos os seus valores e pressões.

Quando Bruno visita Rai, os dois começam a dançar, beber e fumar maconha (ou haxixe, não dá pra saber) e no meio da dança Rai beija Bruno que, assustado, diz não ser “sua praia”. Porém, pouco depois acaba por ceder ao fascínio exercido por Rai. Instaura-se o conflito; intensamente sexual no início, a relação dos dois rapazes irá revelar-se algo mais, quando Carla vai esperá-lo na piscina pública, e acaba flagrando os dois em quentes carícias no chuveiro. Carla tinha um ensaio fotográfico para fazer, mas não consegue. Em casa, pergunta a Bruno se ele é gay. Ele nega. Ela o obriga a nunca mais ver Rai. Bruno concorda, mas ao reencontrar-se com Rai, não resiste à atração que sente. Como Carla não aceita que Bruno a ame e ao mesmo tempo ame Rai, ela põe um fim à relação.

Sabemos que a mãe de Carla vive um casamento infeliz, o marido a trai com uma colega de trabalho, mas o medo de ficar só a impede de desfazer a relação. Carla não entende como a mãe aceite tal situação e viva entupida de anti-depressivos. Agora é a vez de Carla lidar com isso, pois Bruno vai para o campo com Rai, para morarem com uma amiga de Rai, que precisa de cuidados. Rai visita Carla e tenta convencê-la que Bruno a ama e está infeliz sem ela. Carla deprime-se e é sua amiga e colega de trabalho, Marta, que tenta tirá-la da “fossa”. Carla liga para Bruno e este

não a atende: ela, então, joga suas roupas fora, mas Bruno reaparece e ela decide aceita-lo de volta.

A relação adquire um equilíbrio relativo, com recaídas de ciúmes. Mas Rai consegue conquistar a amizade de Carla do mesmo modo como conheceu Rai: leva-a para ver sua dança, conta-lhe sua história, e aparentemente rouba uma loja. No fim do dia, os dois já estão amigos. Pouco tempo depois, os dois ficam juntos, pois ao visitar Rai, que agora mora na academia onde trabalha, Carla transa com ele. Marta, sua amiga, já havia lhe dito que se Bruno gostasse mesmo dela aceitaria, caso contrário seria um crápula. As coisas são mantidas em segredo, até Rai decidir que a situação é insustentável, e por isso decide partir. Acontece que Carla chega à academia na noite em que ele se arrumava para ir embora. Ela está com Bruno, que decidiu também ir lá, julgando que Carla estivesse no cinema. Enfim, Bruno descobre da relação dos dois, e vai embora. Rai está sufocado pela afeição dos dois, e a coisa toda desanda.

Bruno não aceita o caso dos dois, então Carla parte com Rai para o campo, para a casa da amiga de Rai, Maria. Depois de algum tempo, Bruno vai visitá-los, resolvido aceitar o novo arranjo. Pede perdão a Carla, etc. Mas agora é Rai quem não aguenta: quer ir embora. Maria então revela para Rai que ele sempre faz isso, não suporta quando as coisas ficam sérias; seu negócio é conquistar; agora que conquistou os dois, não tem mais interesse. A história de Rai pode apoiar isso: perdeu o pai cedo, a mãe e ele viveram a mudar de cidade para cidade, ele pára parte da infância em internatos onde descobriu que podia interessar-se por meninos e meninas; na adolescência descobre que sua sexualidade não é aceita quando sofre um espancamento. Tudo isso pode ter levado Rai para essa postura em que evita a intimidade. Ele nega e, no entanto, vai embora, aproveitando o momento em que Bruno reconcilia-se com Carla na cama. Quando estes dois percebem que Rai foi embora, partem de moto em busca dele. Encontram-no na estrada e o convencem a voltar, depois de um pequeno lance dramático: os dois caem da moto quando tentam convencer Rai a ficar, que já estava num carro em movimento. Enfim, decidem ficar juntos.

Deixo aspectos do filme de lado, como a relação de Carla com os amigos da revista universitária onde trabalha; porque o interesse é discorrer sobre alguns

aspectos dessa utopia relacional abordada no filme; que uma dupla vire trio em tão pouco tempo e com tão pouca dor envolvida.

Afinal, a experiência, as artes e as ciências da psique nos informa que administrar uma relação a dois, quando se teve a sorte de encontrar uma pessoa com quem se suporta e até se goste de morar, é como ganhar na loteria, inclusive porque a compatibilidade para o sexo se apresenta mais facilmente viabilizada hoje do que qualquer relação duradoura. E se o filme é agradável, elevando a tensão afetiva entre o casal que se refaz em trio, só para dissolvê-la ao final, fica uma sensação de que tudo foi muito fácil. Ou talvez eu pense isso porque ainda acredito em uma velha tradição ocidental herdada dos antigos códigos de amor cortês, instaurados na região próxima a Barcelona, a Provença, que dizia que o amor sempre traz sofrimento (a coita d'amour) e que é sempre impossível amar intensa e verdadeiramente duas pessoas ao mesmo tempo? Junte-se a isso um ingrediente bombástico: dividir o amor entre um homem e uma mulher? Talvez seja mesmo só uma idealização antiga, isso de achar que não somos capazes de reinventarmos nossas formas de amar.

Ainda assim, não consigo deixar de pensar nessa fantasia que percorre subterraneamente a história quase adolescente desse amor a três: é possível passar de um pólo a outro da afetividade-sexualidade sem maiores conflitos? Se Bruno deslizou tão fácil para a cama de Rai – certamente porque este não era um gay estereotipado – mesmo assim é difícil conceber uma mulher que aceite tão rapidamente que o grande amor de sua vida frequente a cama de outro ou outra – o que na minha opinião é o de menos, pois tanto homens e mulheres, em intensa entrega apaixonadas são seres egoístas, querem tudo para si.

E a questão mais interessante do filme parece ter sido abandonada muito rápido: no fundo, foi Carla quem teve de aceitar a nova situação para não ficar sem Bruno, mesmo que depois, tenha tido um interesse por Rai. Ela mesma se questiona se não é como a mãe, que aceita as traições do pai para não ficar sozinha. A mãe tenta mesmo convencê-la a procurar uma relação menos problemática. Fica uma ponta solta da história. Talvez o diretor quisesse deixar as coisas mais leves, relaxadas, quem sabe mostrando para nós quarentões ou cinquentões *caretas* que os jovens de hoje têm mais facilidade em assumirem tanto a própria bissexualidade quanto a do parceiro e são capazes de estabelecer vínculos menos neurotizados pelas

cobranças de fidelidade-exclusividade que, nós, vá lá saber, teríamos herdado da relações heterossexuais de onde proviemos.

Enfim, custo a crer que essa mesma juventude consiga dissolver as tensões com música de batida forte ou com um “tapa na pantera”. A cena final do filme mostra o trio a rodopiar ao som de uma batida perfeita entre um cigarro e outro, enquanto nós, os miseráveis das paixões erradas, com defeito de fabricação –amando de menos ou amando de mais – ficamos a olhar com certo travo de amargura essa *jeneusse dorée* que consegue reinventar-se tão prontamente. Seria este o motivo para o filme chamar “El sexo de los ángeles”, um tópico medieval muito debatido e que na atualidade esteve sempre associado a uma discussão improdutiva, que não leva a lugar nenhum? Seria o título do filme o sinal mais claro de sua vocação utópica: enquanto anjos, nós podemos abrir mão de todas as inseguranças e neuroses e abraçarmos formas de amar que não estão nem aí para fidelidade, orientação sexual e exclusividade? Parece que apenas anjos são capazes de amar como os personagens do filme, que em dois tempos, conseguem assimilar tanta mudança.

Talvez o psicanalista francês Jacques Lacan esteja errado ao dizer que não existe relação sexual, que os sexos não se complementam, sejam eles *homo* ou *hetero* orientados e que toda essa conversa de nós humanos sermos seres de desejo e de uma incompletude radical e constitutiva seja uma falácia, e, quem sabe, mereçamos o paraíso de uma sexualidade fluida como os movimentos de uma dança, embalados pela beatitude de uma maresia psicodélica. Talvez as amargas e ressentidas palavras desse resenhista sejam apenas a marca de uma geração cujos sonhos de uma radical democracia sexual-afetiva vieram tarde demais. Talvez.